

## **A Diferenciação como interpretação da evolução da Vida – breve comentário ao Capítulo 5 do Bergsonismo de Deleuze.**

The Differentiation as interpretation of the evolution of  
life - brief comment to Chapter 5 of Deleuze's  
Bergsonism.

Flávio Luiz de Castro Freitas<sup>1</sup>  
Doutorando pelo PPGFIL/UFSCar

**RESUMO:** trabalho sobre a tentativa de explicitar a solução de Deleuze para a interpretação filosófica da evolução da vida com base no capítulo 5 do Bergsonismo, O impulso vital como movimento de diferenciação. Para tanto, apresentou-se o problema e a hipótese do Bergsonismo. Em seguida, descreveu-se o processo evolutivo da vida como diferenciação ou atualização das linhas divergentes do Virtual, no qual destacou-se as distinções entre dualismo reflexivo e dualismo genético no capítulo 5 do referido livro.

**PALAVRAS-CHAVE:** DELEUZE; BERGSON; VIRTUAL.

**ABSTRACT:** work on trying to explain the Deleuze solution to the philosophical interpretation of the evolution of life on the basis of Chapter 5 of Bergsonism, The vital impulse as a movement of differentiation. Therefore, it presented the problem and the hypothesis of Bergsonism. Then described the evolutionary process of life as differentiation or timeliness of divergent lines of Virtual, in which stood out the distinctions between reflective and genetic dualism dualism chapter 5 of the book.

**KEY-WORDS:** DELEUZE; BERGSON; VIRTUAL.

---

<sup>1</sup> Professor Assistente na Universidade Federal do Maranhão.

---

## Introdução

O objetivo do presente trabalho está voltado para analisar a solução proposta por Deleuze, mediante a noção de Virtual, para a interpretação filosófica sobre a evolução da vida que está presente no capítulo 5 do livro *Bergsonismo*<sup>2</sup>, cujo título é *O impulso vital como*

---

<sup>2</sup> Sobre o tema da relação entre Deleuze e Bergson podemos pensar em duas perspectivas que estão interligadas: os trabalhos escritos e publicados por Deleuze a respeito da obra de Bergson e a influência direta das teses deste sobre aquele. Na primeira perspectiva, existem dois momentos: os anos 50 e os anos 60. Em 1954, Deleuze expõe para a Associação dos amigos de Bergson o texto intitulado *A concepção da diferença em Bergson*, no qual tenta retirar o conceito de duração do psicologismo, lançando-a numa dimensão ontológica. Já em 1956, escreve o capítulo cujo título é *Bergson* para a coletânea *Les philosophes célèbres*, organizada por Merleau-Ponty. Nessa ocasião, destaca a importância da intuição como método preciso para identificar falsos problemas e permitir construir problemas verdadeiros. Além de destacar como os principais conceitos dessa filosofia a ideias de duração, impulso vital e memória. Com relação aos anos 60, ocorre a publicação de *Bergsonismo* em 1966, a respeito da qual Dosse comenta o seguinte: “O próprio título de sua obra se reveste de um provocativo, em ruptura com a *doxa* em vigor sobre Bergson. O que prevalece a propósito de Bergson é a interpretação ultracrítica feita antes da guerra por Georges Politzer. Com o pseudônimo anticlerical François Arouet, Georges Politzer publicou em 1929 um livro bastante corrosivo contra o bergsonismo.” (DOSSE, 2010, p. 120). O livro de Politzer ao qual Dosse se refere é *La fin d’une parade philosophique, le bergsonisme*. Já na segunda perspectiva, que trata da influência direta das teses de Bergson sobre Deleuze, Alliez elucida que os estudos sobre Bergson realizados por Deleuze consistem na matriz ou base de pensamento e pesquisa filosófica que o mesmo levará consigo para as demais investigações realizadas ao longo dos anos: “Querendo afirmar com isso o caso único de Bergson na obra de Deleuze – a saber, para não falar como Badiou, mas dele me distanciando (como, não?), não há um caso Bergson, porque o bergsonismo não é um caso do conceito, mas a causa paradoxal do conceito deleuzeano, e de seu conceito do conceito, nesse enunciado indireto livre que investirá todas as outras filosofias

---

*movimento de diferenciação*. Para tanto, apresentaremos o problema e a hipótese do *Bergsonismo*<sup>3</sup>. Em seguida, explicitaremos o processo de diferenciação da vida ou atualização das linhas divergentes do Virtual, no qual destacaremos as distinções entre dualismo reflexivo e dualismo

---

(incluindo a de Nietzsche...) como casos do conceito absolutamente unívoco do Ser e do Pensar.” (ALLIEZ, 2000, p. 266)

<sup>3</sup> É oportuno lembrar que dentro de uma possível divisão da obra de Deleuze, seus estudos sobre Bergson podem ser localizados em pelo menos dois momentos distintos. O primeiro é a história da filosofia e o seguinte é a transição entre esse primeiro momento e a obra em comum com Guattari, cujo início ocorre com a publicação de *Nietzsche e a filosofia* em 1962, passa pela publicação de *Diferença e repetição*, vindo a terminar com *Lógica do sentido* em 1969: “Foi Nietzsche, que li tarde, quem me tirou disso tudo. Pois é impossível submetê-lo ao mesmo tratamento. Filhos pelas costas é ele quem faz. Ele dá um gosto perverso (que nem Marx nem Freud jamais deram a ninguém, ao contrário): o gosto para cada um de dizer coisas simples em nome próprio, de falar por afectos, intensidades, experiências, experimentações.” (DELEUZE, 1992, p. 15). Assim, com relação a esse ponto requer uma certa cautela, pois se os dois primeiros trabalhos sobre Bergson são da década de 50, eles estão dentro do período dedicado à história da filosofia. Já o *Bergsonismo* é de 1966, após o livro sobre Nietzsche que é de 1962, logo ele está de alguma maneira nessa transição que é caracterizada por ler, escrever e falar através de experiências e experimentações. No que tange a esse ponto, Hardt possui um comentário interessante: “A obra de Deleuze sobre Bergson, todavia, apresenta uma complicação – ao mesmo tempo uma oportunidade para o estudo da evolução do seu pensamento, porque é conduzida em dois períodos distintos: um em meados dos anos 50 e outro em meados dos anos 60.” (HARDT, 1996, p. 28). No que trata do *Bergsonismo*, Hardt esclarece que ele tem uma pequena distinção em relação aos textos da década de 50: “Quando Deleuze retorna a Bergson, nos meados dos anos 60, para escrever *Bergsonism*, ele retoma novamente muitos de seus argumentos iniciais, mas sua fundamentação polêmica altera-se ligeiramente. A análise ainda contém um ataque ao movimento do negativo da determinação, mas agora o foco crítico e central é dirigido ao problema do Uno e o do Múltiplo.” (HARDT, 1996, p. 39)

---

genético, bem como como a convergência deste e o processo de diferenciação da vida, sem deixar de descrever o papel do homem dentro dessa perspectiva, mais especificamente dos momentos da intuição e da emoção criadora com base no capítulo 5 do referido livro.

### **A intuição e sua etapa de diferenciação de natureza**

O problema central do *Bergsonismo* de Deleuze, publicado em 1966, consiste no seguinte: qual é relação que pode ser estabelecida entre as noções de Duração, Memória e Impulso Vital? Além disso, qual é o progresso que elas implicam? Uma das principais teses para desenvolver esse problema postula que a intuição, entendida como método rigoroso, pode determinar as relações entre essas noções.

No capítulo 5 do *Bergsonismo*, intitulado de *O impulso vital como movimento de diferenciação*, Deleuze utiliza a noção de Virtual para tentar resolver a interpretação filosófica da evolução da vida. Para tanto, a evolução da vida é compreendida como um processo de diferenciação ou atualização, que adota como ponto de partida a noção de Virtual para o início de seu próprio desenvolvimento. Isso significa também que a vida é confundida com o movimento de diferenciação em séries ramificadas e divergentes.

A importância de fazer esse uso do Virtual decorre do fato de que semelhante noção permite que o processo de evolução da vida seja pensado fora dos limites do pré-formismo e da perspectiva na qual a noção de tempo é absorvida pelo conceito de espaço, vindo a funcionar como critério de compreensão para o desenvolvimento do processo evolutivo da vida. Esses dois aspectos, o pré-formismo e a confusão entre espaço e tempo, fazem com que mecanicismo e finalismo sejam inadequados para identificar e estabelecer os nexos de necessidades entre as etapas do processo evolutivo, visto que o fundamento desses dois aspectos é o uso da noção de possível, a qual culmina na proposta da existência de causas exteriores para os vínculos entre as etapas que compõe a evolução da vida.

O contexto de investigação em que está inserido o problema acerca da interpretação filosófica da evolução da vida trata da necessidade de atribuir precisão para a noção de virtual, com o objetivo de considerar todos os momentos do método como coexistentes numa dimensão de profundidade. Assim, no entendimento de Deleuze, o virtual só poderá adquirir o máximo de precisão com base na seguinte

---

série ou linha: monismo (como ponto de partida) – reencontro com o dualismo – novo plano para dar conta do dualismo.

Posto isso, no capítulo 5, para sustentar que a evolução da vida é o processo de diferenciação ou atualização do Virtual, Deleuze apresenta a argumentação de Bergson a respeito do impulso vital, caracterizando a essência da vida<sup>4</sup> como proceder por dissociação, desdobramento e dicotomia, que se divide em várias direções.

Nesse sentido, segundo Deleuze, a Vida<sup>5</sup> se confunde com o movimento de diferenciação. Esse movimento é explicado por uma causa externa e por uma força interna. A causa externa é a inserção da duração na matéria, que acontece enquanto a duração se diferencia de acordo como os obstáculos que ele encontra ao atravessar a matéria, implicando na contração da mesma. Já a força interna é dotada de um caráter explosivo<sup>6</sup> que permite o prolongamento e o avanço da duração

---

<sup>4</sup> Nesse sentido: “Mas as verdadeiras e profundas causas de divisão eram aquelas que a vida carregava em si. Pois a vida é tendência e a essência de uma tendência é desenvolver-se na forma de feixe, criando, pelo simples fato de seu crescimento, direções divergentes entre as quais seu eã irá repartir-se.” (BERGSON, 2005, p. 109)

<sup>5</sup> “Não há realmente manifestação da vida que não contenha em estado rudimentar, ou latente, ou virtual, as características essenciais da maior parte das outras manifestações.” (BERGSON, 2005, p. 116)

<sup>6</sup> Acerca disso: “O movimento evolutivo seria coisa simples, seria coisa rápida determinar sua direção, se a vida descrevesse uma trajetória única, comparável à de uma bala maciça lançada por um canhão. Mas lidamos aqui com um obus que imediatamente explodiu em fragmentos, os quais, sendo eles próprios espécies de abusos, explodiram por sua vez em fragmentos destinados a novamente explodirem e assim por diante, durante muito tempo. Só percebemos aquilo que está mais perto de nós, os movimentos espalhados dos fragmentos pulverizados. E partindo deles que precisamos subir de volta, degrau por degrau, até o movimento original. Quando o obus explode, sua fragmentação particular explica-se tanto pela força explosiva da pólvora que ele contém quanta pela resistência que o metal lhe opõe. O mesmo vale para a fragmentação da vida em indivíduos e espécies. Esta, cremos nos, prende-se a duas series de causas: a resistência que a vida experimenta por parte da matéria bruta e a foça explosiva devida a um equilíbrio

---

em séries ramificadas que mudam de natureza à cada divisão realizada. Não apenas isso, mas o processo de evolução da vida é o próprio movimento de diferenciação do Virtual.

Daí que, o Virtual é a unidade primordial, portadora de totalidade, que está suposta na sustentação da vida como Duração em pleno movimento de diferenciação, que se divide em linhas dotadas da unidade e da totalidade primordial do Virtual:

Tudo se passa como se a Vida se confundisse com o próprio movimento da diferenciação em séries ramificadas. Sem dúvida, esse movimento se explica pela inserção da duração na matéria: a duração se diferencia segundo os obstáculos que ela encontra na matéria, segundo a materialidade que ela atravessa, segundo o gênero de extensão que ela contrai. Mas a diferenciação não é somente uma causa externa. É em si mesma, por uma força interna explosiva, que a duração se diferencia: ela só se afirma e só se prolonga, ela só avança em séries ramosas ou ramificadas<sup>133</sup>. Precisamente, a Duração chama-se vida quando aparece nesse movimento. Por que a diferenciação é uma "atualização"? É que ela supõe uma unidade, uma totalidade primordial virtual, que se dissocia segundo linhas de diferenciação, mas que, em cada linha, dá ainda testemunho de sua unidade e totalidade subsistentes. (DELEUZE, 1999, p. 76)

Deleuze explica que essa divisão operada pelo Virtual no movimento de diferenciação não pode ser confundida com a divisão dos mistos em linhas divergentes, a qual caracteriza a transição da viravolta para a reviravolta da experiência. A diferenciação, enquanto atualização, tem como ponto de partida uma unidade Virtual, que é simples e marcada pela totalidade. Essa unidade funciona se dividindo e desenvolvendo em linhas divergentes que diferem por natureza. Os exemplos dados por Bergson são a duração e o impulso vital. A primeira é dividida a cada instante entre passado e presente, já o segundo é dividido em distensão, caindo sobre a matéria, e tensão, elevando a duração.

Entre os dois tipos de divisão, dos mistos e do Virtual, existem correspondências e distinções. As correspondências dizem

---

instável de tendências - que a vida carrega em si.” (BERGSON, 2005, p. 107)

---

respeito à crítica direcionada às visões de mundo que percebem apenas diferenças de graus onde há diferenças de natureza. Há correspondência também no que concerne à determinação do dualismo entre as tendências que diferem por natureza. Por outro lado, a distinção repousa no estado desse mesmo dualismo, uma vez que a divisão nos mistos e no Virtual não é semelhante. Isso é decorrente de nos mistos existir um dualismo reflexivo, cujo traço marcante é a decomposição de um misto impuro. No Virtual existe um dualismo genético, que é fruto da diferenciação de um Simples ou de um Puro:

Nos dois casos, critica-se uma visão do mundo que só retém diferenças de grau ali onde, mais profundamente, há diferenças de natureza. Nos dois casos, determina-se um dualismo entre tendências que diferem por natureza. Mas de modo algum é o mesmo estado do dualismo, de modo algum é a mesma divisão. No primeiro tipo, tem-se um dualismo reflexivo, que *provém da decomposição de um misto impuro*: ele constitui o primeiro momento do método. No segundo tipo, tem-se um dualismo genético, *saído da diferenciação de um Simples ou de um Puro*: ele forma o último momento do método, aquele que reencontra, finalmente, o ponto de partida em um novo plano. (DELEUZE, 1999, p. 77)

A partir dessa elucidação, Deleuze passa a investigar diretamente a natureza do Virtual. Para tanto, com base nos *Dados imediatos da consciência* e em *Matéria e Memória*, ele expõe que a caracterização do Virtual é efetuada em distinção à noção de Possível. Semelhante distinção é construída, entre dois pares opostos: Virtual-Atual x Possível-Real.

O possível é caracterizado por ser oposto ao real, podendo ser dotado de alguma atualidade, vindo a se realizar ou não de acordo com as regras da semelhança e da limitação. Por meio da semelhança, do ponto de vista do conceito, existem dificuldades em perceber a diferença entre o possível e o real, visto que o real é entendido como o possível que se realiza, cujo elemento distintivo é o fato de ser um possível dotada de existência, o que implica numa diferença fraca entre os dois, carente de outros elementos. No caso da limitação, nem todos os possíveis são realizados, pois nem todos passam para o âmbito do real, demarcando, assim uma limitação, alguns chegam no real outros não.

Dessa maneira, o Virtual é caracterizado, em distinção ao Possível, como oposto ao Atual, porém dotado de realidade e capaz de se atualizar segundo as regras da divergência e da criação. Essas regras definem o processo de atualização ou diferenciação e seu ponto de partida é composto por duas diferenças: entre o Virtual do qual se parte e os atuais que são a chegada, bem como entre as linhas complementares nas quais a atualização ocorre. Assim, a condição para o Virtual se atualizar é a criação das linhas de diferenciação, que conduzem aos seus respectivos atuais:

Com efeito, para atualizar-se, o virtual não pode proceder por limitação, mas deve *criar* suas próprias linhas de atualização em atos positivos. A razão disso é simples: ao passo que o real é à imagem e à semelhança do possível que ele realiza, o atual, ao contrário, *não* se assemelha à virtualidade que ele encama. O que é primeiro no processo de atualização é a diferença – a diferença entre o virtual de que se parte e os atuais aos quais se chega, e também a diferença entre as linhas complementares segundo as quais a atualização se faz. Em resumo, é próprio da virtualidade existir de tal modo que ela se atualize ao diferenciar-se e que seja forçada a atualizar-se, a criar linhas de diferenciação para atualizar-se. (DELEUZE, 1999, p. 78)

Isso permite também que Deleuze caracterize a direção da evolução, pois a vida é também a Duração e o Virtual a condição para a divisão da Duração, sem deixar de ser detentor de suas próprias divisões. Portanto a evolução da vida é a diferenciação ou atualização que equivale à criação. Sobre esse aspecto, Deleuze apresenta dois contra-sensos ligados à evolução biológica. O primeiro consiste em interpretar a evolução biológica em termos do possível, cujo núcleo considera as diferenças numa perspectiva somente das causas exteriores. O segundo contra-senso interpreta a evolução biológica em termos exclusivamente de atuais, negligenciando a direção que vai do Virtual ao atual.

O interessante disso é que Deleuze destaca a vantagem do evolucionismo ao recusar o possível para interpretar a evolução da vida, levando em conta o fato de que a mesma é criação e produção de diferenças. No entanto, o próprio evolucionismo termina por interpretar a vida com base em determinações eminentemente atuais.

---

Contra esse quadro, Deleuze postula as três exigências que compõe uma filosofia da vida: 1- a diferença vital é uma diferença interna, garantindo que a tendência para mudar seja necessária e não acidental. 2 - essa tendência funciona como causa interior das variações vitais. 3- A partir dessa causa interna, as variações estabelecem relações de dissociação e divisão. Essas dissociações e divisões constituem os movimentos de atualização do Virtual em linhas de divergência<sup>7</sup>, as quais demarcam o processo da evolução, que parte de um Virtual aos componentes heterogêneos que o atualizam durante a criação da série ramificada.

Esquematicamente, a propósito do capítulo 2 da *Evolução Criadora* de Bergson, Deleuze parte do Virtual como gigantesca memória universal, a Duração, para mostrar como a evolução da Vida é equivalente à diferenciação. Esse processo ou movimento é a atualização, mediante divisão, em lados opostos e metades distintas, a partir da explosão interna do impulso vital. Assim, a Duração se divide em Vida (contração) e Matéria (distensão), permitindo que também seja realizado o esforço, por parte da Vida, em contornar os obstáculos colocados pela Matéria. A Vida, por seu turno, se ramifica em planta e animal. A planta se dissocia em fixação do carbono e fixação do nitrogênio. O animal se divide em instinto e inteligência. A inteligência se dissocia em dominação da matéria e intuição:

Devemos pensar que, quando a duração se divide em matéria e vida, depois a vida em planta e animal, atualizam-se níveis diferentes de contração, níveis que só coexistiam enquanto permaneciam virtuais. E quando o próprio instinto animal divide-se em instintos diversos, ou quando um instinto particular divide-se, ele próprio, segundo espécies, separam-se ainda níveis ou se segmentam na região do animal ou do gênero. E, por mais estreitamente que as linhas de atualização correspondam aos níveis ou graus virtuais de distensão ou contração, não é o caso de acreditar que elas se contentem em decalcá-los, em reproduzi-los por simples semelhança, pois o que coexistia no

---

<sup>7</sup> “Poderíamos enunciar a seguinte lei: *Quando uma tendência se analisa ao desenvolver-se, cada uma das tendências particulares que nascem assim gostaria de conservar e desenvolver, da tendência primitiva, tudo aquilo que não é incompatível com a trabalho no qual se especializou.*” (BERGSON, 2005, p. 129)

---

virtual deixa de coexistir no atual e se distribui em linhas ou partes não somáveis, cada uma das quais retém o todo, mas sob um certo aspecto, sob um certo ponto de vista. (DELEUZE, 1999, p. 81)

O Virtual possui uma realidade composta por todos os graus coexistentes de distensão e contração. Esses graus coexistem uns com os outros em diferentes níveis. Quando ocorre a atualização, surgem linhas divergentes que correspondem a cada um dos graus que fazem parte da realidade do virtual. Nessas linhas não há todo coexistente, apenas sucessão ou simultaneidade, onde cada qual parte em uma direção, sem haver combinação entre elas. Cada linha atualiza um grau que está localizado em determinado nível do todo que integra o Virtual, desprendendo-o dos outros. Na perspectiva de Deleuze, essas linhas de diferenciação, que integram a atualização, são linhas de criação, porque elas inventam o representante físico, vital e psíquico do nível que é encarnado por elas.

No que tange à totalidade do Virtual, o “Todo”, Deleuze faz um interessante esclarecimento. Tamanha totalidade é exclusivamente Virtual, ela não é aplicada às atualizações das linhas divergentes no processo de evolução. No atual existe um irredutível pluralismo simultâneo e sucessivo de linhas divergentes em diferenciação.

Nesse sentido, Deleuze destaca o problema da totalidade na perspectiva tanto do mecanicismo quanto do finalismo<sup>8</sup>, que confunde

---

<sup>8</sup> Bergson explica que: “Mas igualmente inaceitável nos parece o finalismo radical, e pela mesma razão. A doutrina da finalidade, sob sua forma extrema, tal como a encontramos em Leibniz, por exemplo, implica que as coisas e os seres não façam mais que realizar um programa já traçado. Mas, se não há nada de imprevisto, nada de invenção, nem de criação no universo, o tempo torna-se novamente inútil. Como na hipótese mecanicista, também aqui se supõe que *tudo está dado*. O finalismo, assim compreendido, não é mais que um mecanicismo às avessas. Inspira-se no mesmo postulado, com esta única diferença de que, na jornada de nossas inteligências finitas ao longo da sucessão inteiramente aparente das coisas, põe a nossa frente a luz com a qual pretende nos guiar, em vez de colocá-la atrás. Substitui a impulsão do passado pela atração do porvir. Mas nem por isso a sucessão deixa de ser uma pura aparência, como aliás a própria jornada.” (BERGSON, 2005, p. 43)

---

espaço e tempo, promovendo assimilação deste por aquele. Nos limites desse olhar até a totalidade do atual está dada, implicando na inviabilidade da criação por parte da própria vida.

Ainda sobre a totalidade, Deleuze, na esteira da *Evolução criadora* de Bergson, postula que o finalismo<sup>9</sup> é preferível ao mecanicismo, com a condição de realizar duas correções. A primeira diz respeito ao vivente, pois se ele tem uma finalidade é por estar aberto a uma totalidade também aberta. A outra repousa nas provas inerentes à finalidade, uma vez que a categoria da semelhança está submetida às categorias da divergência ou da diferenciação. Isso acontece porque os produtos das linhas de diferenciação podem até serem semelhantes, contudo os movimentos de produção não são semelhantes, nem os produtos se assemelham aos graus do virtual que eles atualizam:

Eis por que a atualização, a diferenciação são uma verdadeira criação. É preciso que o Todo *crie* as linhas divergentes segundo as quais ele se atualiza e os meios dessemelhantes que ele utiliza em cada linha. Há finalidade, porque a vida não opera sem direções; mas não há "meta", porque tais direções não preexistem já prontas, sendo elas próprias criadas na "proporção" do ato que as percorre. Cada linha de atualização corresponde a um nível virtual; mas, a cada vez, ela deve inventar a figura dessa correspondência, criar os meios para o desenvolvimento daquilo que estava tão-somente envolto, criar os meios para a distinção daquilo que estava em confusão. (DELEUZE, 1999, p. 87)

---

<sup>9</sup> Sobre isso: “Todavia, o finalismo não é, como o mecanicismo, uma doutrina de linhas definidas. Com porta tantas inflexões quantas lhe quisermos imprimir. A filosofia mecanicista e para pegar ou largar: caberia largá-la caso O menor grão de poeira, ao desviar da trajetória prevista pela mecânica, manifestasse o mais leve traço de espontaneidade. Pelo contrário, a doutrina das causas finais não será nunca refutada definitivamente. Se rechaçamos uma forma, assumira outra. Seu principia, que e de essência psicológica, e muito flexível. E tão extensível e, por isso mesmo, tão largo, que algo dele e aceito assim que se recusa o puro mecanicismo. A tese que iremos expor neste livro, portanto, necessariamente participara em certa medida do finalismo. E por isso que importa indicar com precisão, nele, aquilo que iremos pegar, e aquilo que iremos largar.” (BERGSON, 2005, p. 44)

---

Com isso, existe finalidade no processo evolutivo, enquanto diferenciação, já que a Vida não opera sem direções, entretanto essas direções não estão pré-formadas (não estão inseridas num possível que se realiza). As direções são criadas à medida em que linha da atualização inventa a correspondência para com os níveis do Virtual. Isso significa também operar uma distinção em relação ao que estava confuso e misturado.

Diante dessa totalidade do desenvolvimento do processo evolutivo em linhas divergentes que se atualiza mediante criação e invenção, Deleuze coloca a questão: qual é a razão de ser do todo esse processo? Ou de que maneira o Atual consegue ser adequado ao Virtual? Segundo Deleuze, a resposta de Bergson é o homem<sup>10</sup>, uma vez que ele é capaz de reencontrar todos os níveis ou graus de contração e de distensão que coexistem no Virtual. O homem cria uma diferenciação que vale para o “Todo” do Virtual, permitindo que haja expressão do mesmo de forma aberta:

Dir-se-ia que no homem, e somente no homem, o atual torna-se adequado ao virtual. Dir-se-ia que o homem é capaz de reencontrar todos os níveis, todos os graus de distensão e de contração que coexistem no Todo virtual, como se ele fosse capaz de todos os frenesis e fizesse acontecer nele tudo o que, alhures, só pode encarnar-se em espécies diversas. Até nos sonhos o homem reencontra ou prepara a matéria. E as durações que lhe são inferiores ou superiores são ainda interiores a ele. Portanto, o homem cria uma diferenciação que vale para o Todo e só ele traça uma direção aberta, capaz de exprimir um todo aberto. Ao

---

<sup>10</sup> No que tange a esse aspecto: “Resumindo, se quiséssemos nos expressar em termos de finalidade, caberia dizer que a consciência, após ter sido obrigada, para libertar-se a si mesma, a cindir a organização em duas partes complementares, vegetais de um lado e animais do outro, procurou uma saída na dupla direção do instinto e da inteligência: não a encontrou como instinto, e só a encontrou, do lado da inteligência, por um salto brusco do animal para o homem. De modo que, em última análise, o homem seria a razão de ser da organização inteira da vida sobre nosso planeta. Mas isto não seria mais que uma maneira de falar. Só há, na verdade, uma determinada corrente de existência e a corrente antagonista; daí toda a evolução da vida.” (BERGSON, 2005, p. 200)

---

---

passo que as outras direções se fecham e voltam em torno de si próprias, ao passo que um "plano" distinto da natureza corresponde a cada uma dessas direções, o homem, ao contrário, é capaz de baralhar os planos, de ultrapassar seu próprio plano como sua própria condição, para exprimir, enfim, a Natureza naturante<sup>11</sup>. (DELEUZE, 1999, p. 87)

---

<sup>11</sup> Sobre as noções de Natureza naturante e de Natureza naturada é apropriado consultar o *Escólio da Proposição 29*, do livro I, da *Ética – demonstrada à maneira dos geométricos* de Espinosa: “Escólio. Antes de prosseguir, quero aqui explicar, ou melhor, lembrar, o que se deve compreender por natureza naturante e por natureza naturada. Pois penso ter ficado evidente, pelo anteriormente exposto, que por natureza naturante devemos compreender o que existe em si mesmo e por si mesmo é concebido, ou seja, aqueles atributos da substância que exprimem uma essência eterna e infinita, isto é, (pelo corol. 1 da prop. 14 e pelo corol. 2 da prop. 17), Deus, enquanto é considerado como causa livre. Por natureza naturada, por sua vez, compreendido tudo o que se segue da necessidade da natureza de Deus, ou seja, de cada um dos atributos de Deus, isto é, todos os modos dos atributos de Deus, enquanto considerados como coisas que existem em Deus, e que, sem Deus, não podem existir nem ser concebidas.” (SPINOZA, 2008, p. 53). Sobre esse ponto, existem três grandes trabalhos de Deleuze sobre Espinosa: a tese complementar de 1968, *Espinosa e o problema da expressão*; o texto de 1972, que é retomado e enriquecido em 1981, *Espinosa – filosofia prática*; e o artigo *Espinosa e as três Éticas*, que foi publicado em *Crítica e Clínica* no ano de 1993. No texto de 1981, existe um oportuno *Glossário* organizado por Deleuze referente aos principais termos da filosofia de Espinosa. Dentre eles, é possível encontrar um comentário às noções de Natureza naturante e Natureza naturada: “NATUREZA – A natureza dita naturante (como substância e causa) e a Natureza dita naturada (como efeito e modo) estão vinculadas por mútua imanência: por um lado a causa permanece em si mesma para produzir; por outro, o efeito ou o produto permanece na causa (*Ética*, I, 29, etc.). Essa dupla condição permite falar da natureza em geral sem outra especificação. O naturalismo é aqui o que vem preencher as três formas de univocidade: univocidade dos atributos, em que os atributos, sob a mesma forma, constituem a essência de Deus como Natureza naturante e contêm as essências dos modos como

---

Talvez a justificativa para esse problema, a adequação do Atual ao Virtual, seja a tentativa de atingir, enquanto questão de fato (*quid facti?*), às condições em que a duração adquire consciência de si. Isso decorre de que numa perspectiva da questão de direito, (*quid juris?*), isto é, do Virtual, a consciência já foi apreendida como Duração, Vida e Memória.

A resposta de Bergson, segundo Deleuze, para essa primazia do homem na adequação entre Virtual e Atual consiste na emoção, a qual se insere no intervalo entre inteligência-sociedade. Essa inserção da emoção no intervalo inteligência-sociedade garante a abertura necessária para o homem, inclusive, construir sociedades também abertas. No argumento de Deleuze, a formação das sociedades supõe a organização inteligente das necessidades e uso racional dos meios para efetivar as atividades. Porém, as sociedades também são formadas e mantidas por elementos irracionais que estão na ordem do absurdo.

Deleuze, então, esclarece que a função fabuladora realiza essa produção do irracional e do absurdo, ou seja, criando deuses e outros seres que atualizarão problemas viventes para às representações racionais. Tamanha função fabuladora, necessária para a composição e manutenção das sociedades, é decorrente do esforço de duas linhas de diferenciação distintas em tentar alcançar às vantagens uma da outra. Por isso, o instinto suscita em si algo da inteligência, a qual também estabelece para si um correspondente do instinto. A consequência disso é a criação do instinto virtual, o qual é capaz de realizar a função fabuladora.

Nesse sentido, mesmo portando a função fabuladora, o homem sem emoção ainda não consegue realizar a abertura para a adequação entre Atual e Virtual. Deleuze expõe dois momentos da emoção: a emoção ligada à representação e a emoção pura. A emoção ligada à representação é na verdade um misto entre representação e

---

Natureza naturada; univocidade da causa, em que causa de todas as coisas se diz de Deus como gênero de Natureza naturada, no mesmo sentido que causa de si, como genealogia da Natureza naturante; univocidade de modalidade, em que o necessário qualifica tanto a ordem da Natureza naturada quanto a ordem da Natureza naturante.(DELEUZE, 2002, p. 94). Portanto exprimir a Natureza naturante significa exprimir aquilo que existe em si e por si ou aquilo que é imanente a si, ou seja, o puro Virtual.

---

---

emoção, que difere do instinto e da inteligência. Ao mesmo tempo, ela também difere do egoísmo individual e da pressão social:

Por natureza, só a emoção difere ao mesmo tempo da inteligência e do instinto e, também ao mesmo tempo, do egoísmo individual inteligente e da pressão social quase instintiva. Ninguém, evidentemente, nega que emoções possam advir do egoísmo e mais ainda da pressão social, com todas as fantasias da função fabuladora. Mas, nesses dois casos, a emoção está sempre ligada a uma representação, da qual se considera que aquela dependa. Instalamo-nos, assim, em um misto de emoção e representação, sem vermos que a primeira é a potência, sem vermos a natureza da emoção como elemento puro. (DELEUZE, 1999, p. 90)

A emoção pura é a potência que antecede a representação e é a fonte criadora de novas ideias. Ela não possui objetos, contudo detém uma essência que está difundida em objetos, animais, plantas e todo o restante. Mais precisamente, a emoção pura é a emoção criadora por três características específicas: exprimir a criação em sua totalidade, criar a obra em que ela está expressa e comunica algo dessa criatividade.

Em suma, a emoção é criadora (primeiramente, porque ela exprime a criação em sua totalidade; em seguida, porque ela própria cria a obra na qual ela se exprime; finalmente, porque ela comunica aos espectadores ou ouvintes um pouco dessa criatividade). O pequeno intervalo "pressão da sociedade-resistência da inteligência" definia uma variabilidade própria das sociedades humanas. Ora, acontece que, graças a esse intervalo, algo de extraordinário se produz ou se encarna: a emoção criadora. Esta nada tem a ver com as pressões da sociedade, nem com as contestações do indivíduo (DELEUZE, 1999, p. 90)

Nesses termos, Deleuze explica que a emoção criadora possui duas faces fundamentais: Memória cósmica e gênese da intuição na inteligência. Enquanto Memória cósmica, ela libera o homem do nível em que ele está colocado para poder atuar como criador e ente adequado ao Virtual. Semelhante Memória cósmica pode encarnar em um indivíduo tal qual uma reminiscência, que é sentida como uma profunda emoção expressa numa agitação capaz de permitir que ele

prossiga, fazendo dele um criador que pode comunicar essa emoção para outros indivíduos, fornecendo condições para que uma sociedade fechada possa ser transformada numa sociedade de criadores.

Além disso, a emoção criadora é também a gênese da intuição na inteligência. Ocorre no argumento apresentado por Deleuze, que busca monismo a partir do dualismo reengendrado, existem dois momentos da intuição: a intuição filosófica e a intuição mística. Em se tratando da intuição filosófica há um excesso de contemplação pressuposto, marcado pela indeterminação do além da viravolta da experiência (ou reviravolta) que fornece a ideia de que a inteligência já é devidamente penetrada pela emoção em meio à indeterminação.

A intuição mística goza de toda criação, porque está suscetível à abertura para um “Todo”, em que surge certo probabilismo superior capaz de fornecer uma determinação para a indeterminação do momento filosófico da intuição, fornecendo as efetivas condições para a criação e não apenas contemplação:

Já animado pela emoção, o filósofo destacava linhas que partilhavam entre si os mistos dados na experiência; e ele prolongava o traçado dessas linhas para além da "viravolta" da experiência, indicando no longínquo o ponto virtual em que todas se reencontravam. Tudo se passa como se o que permanecia indeterminado na intuição filosófica recebesse uma determinação de um novo gênero na intuição mística - como se a "probabilidade" propriamente filosófica se prolongasse em certeza mística. Sem dúvida, o filósofo só pode considerar a alma mística tão-somente de fora, e do ponto de vista de suas linhas de probabilidade. Porém, a própria existência do misticismo propicia, justamente, uma probabilidade superior a essa transmutação final em certeza e como que um envoltório ou um limite a todos os aspectos do método. (DELEUZE, 1999, p. 92)

### **Considerações finais**

Com base especificamente no capítulo 5 do *Bergsonismo* de Deleuze, intitulado de *O Impulso Vital como movimento de diferenciação*, é possível sustentar que, para esse autor, a noção de Virtual resolve a interpretação filosófica da evolução, visto que

considera a mesma como processo de diferenciação ou atualização que vai do Virtual aos atuais criando linhas de divergência ou diferenciação.

Esse movimento está ligado a um dualismo genético que tem como ponto de partida uma simplicidade ou totalidade virtual, que se desenvolve em linhas que diferem por natureza. Trata-se de um dualismo genético em posição a um dualismo reflexivo. O dualismo genético é caracterizado por ponto de partida constituído por um Simples ou um Puro, que se divide ou dissocia, implicando na criação de direções para as atualizações da evolução vital. O dualismo reflexivo é o primeiro momento do método da intuição, que decompõe um misto impuro, encontrando as tendências que o compõe.

Esse dualismo genético é também o quarto momento o método da intuição, que está voltado para erigir um novo plano decorrente de situar a intuição como integrante do próprio processo de atualização, mais especificamente da adequação entre o Virtual e o Atual por meio do homem no exercício da emoção criadora.

Isso significa que existe uma convergência entre o dualismo genético e a evolução enquanto processo de diferenciação da Duração, que vai do Virtual para os atuais. Nesse caso, a diferença é aquilo que é primeiro no processo de atualização pelo em menos em dois sentidos: a diferença entre o virtual de que se parte e aos atuais aos quais se chega e a diferença entre as linhas complementares segundo as quais a atualização ocorre. Supomos, assim, que isso permite que Deleuze comece a sustentar a ideia sobre a construção de um plano distinto ou para além das condições de realidade da experiência ligado à noção de imanência, visto que esta última é equiparada ao Virtual por meio da característica da força interna ou produção de si em linhas de diferenciação.

## Referências bibliográficas

- ALLIEZ, Éric. Sobre o bergsonismo de Deleuze. Tradução de Ana Lúcia Oliveria. In: **Gilles Deleuze**: uma vida filosófica (organização de Éric Alliez). São Paulo: Ed. 34, 2000.
- BERGSON, Henri. **A evolução criadora**. Tradução de Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- DELEUZE, Gilles. **Bergsonismo**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 1999.
-

\_\_\_\_\_. **Conversações.** Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992.

\_\_\_\_\_. **Espinosa – filosofia prática.** Tradução de Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.

DOSSE, François. **Gilles Deleuze e Félix Guattari – Biografia Cruzada.** Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2010.

HARDT, Michael. **Gilles Deleuze – um aprendizado em filosofia.** Tradução de Sueli Cavendish. São Paulo: Ed. 34, 1996.

SPINOZA, Baruch de. **Ética – demonstrada à maneira dos geômetras.** Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.